

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 17 de Junho 2015**

*Texto de referência: J. Carrón, Introdução, in UMA PRESENÇA NO OLHAR, suppl. a Tracce-Litterae communionis, maio 2015, pp. 4-19; L. Giussani, «A continuidade de Jesus Cristo: raiz da consciência que a Igreja tem de si», Porquê a Igreja, Verbo, Março 2004, pp. 79-87.*

- *Por tudo meu Jesus*
- *Favola*

*Gloria*

Tínhamos ficado com a tarefa de continuar o trabalho sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade e sobre o capítulo do *Porquê a Igreja* que aborda o tema da Ressurreição. A primeira pergunta é precisamente sobre isto: «No encontro semanal do nosso grupo de Escola de Comunidade, no qual lemos o capítulo sobre a permanência de Jesus entre os homens, surgiram algumas perguntas sobre as quais discutimos animadamente. Alguns afirmavam que uma pessoa pode viver bem o presente desde que tenha a certeza da Ressurreição e da vida eterna, outros sustentavam que a eternidade é uma promessa e que o cêntuplo ou se experimenta aqui e agora, estando dentro da realidade presente, de tal forma que, se por absurdo, depois não existisse nada seria pleno e belo viver mesmo assim. Provavelmente, é apenas uma discussão teórica, contudo, nós inflamámo-nos sobre estas duas visões em relação à Ressurreição. Na nossa opinião, significa que temos uma pergunta e temos necessidade de um esclarecimento. Surgiu depois uma outra discussão: um de nós dizia que em algumas situações maldiria o facto de ser cristão, porque este ser cristão, em certas circunstâncias fá-lo fazer uma experiência mais árdua, menos feliz e menos satisfatória. Também sobre isto discutimos animadamente. Ser cristão não poupa alguma dificuldade no viver quotidiano, mas não é talvez verdade que usando o critério de juízo que nasce da fé se faz uma experiência de verdadeira letícia?». Esta é a verificação que cada um de nós é chamado a fazer, de outra forma é uma discussão infrutuosa (porque depois cada um faz a verificação no real do ponto de vista que defende). Se diante das circunstâncias uma pessoa não encontrasse na fé uma ajuda para viver, maldiria o facto de ser cristão. Por isso nos Exercícios dissemos que a fé não pode dizer: «É assim e basta», pedindo um consentimento gratuito, porque está ligada à experiência, tanto é verdade – diz *don* Giussani – que deve comparecer diante do Tribunal da própria experiência. A Igreja não pode fazer batota propondo qualquer coisa que não é capaz de cumprir, mas nem sequer eu posso fazer batota, porque para afirmar a verdade não devo dar cartas falsas. Se uma pessoa a um certo ponto, não se consegue surpreender a viver de forma diferente a realidade, a circunstância árdua, precisamente por causa da fé, pouco a pouco esvaziará de razoabilidade a fé, a qual terá uma data de validade. Por isso, não é a discussão teórica que resolve a questão; aquilo que resolve, aquilo que *don* Giussani nos convidou constantemente, é a verificação da fé na experiência. De outra forma não podemos sair deste “impasse” que a fé, como qualquer outra realidade da história e da vida, faz emergir: é verdade ou não é verdade? A verdade vem a tona diante dos meus olhos apenas na experiência.

*Nestas últimas semanas obriguei-me a ler a Escola de Comunidade todos os dias, porque infelizmente ainda não é uma coisa que me surja naturalmente, e muitas vezes faço-o contravontade; no entanto, percebo que, mesmo que não sinta um entusiasmo, a Escola de Comunidade é o primeiro instrumento que tenho para perceber verdadeiramente as coisas; sozinha ficaria pela superfície. Diante deste trabalho de comparação, veio ao de cima o facto que domina, ainda, a mesquinhez, o descuido e a confusão do meu eu. Diante dos factos dramáticos da minha vida nunca percebi o afastamento de Cristo, pelo contrário, a minha relação com Ele aprofundou-se precisamente naqueles momentos. Por outro lado, constato, não sem tristeza, que é no quotidiano,*

*na normalidade do dia, que eu me afasto d'Ele. Na página 11 do Livro dos Exercícios lê-se: «O cristianismo é a exaltação da realidade concreta, a afirmação do carnal, [...], a afirmação das circunstâncias concretas e sensíveis, graças às quais uma pessoa não sente uma nostalgia de grandeza quando se vê limitada naquilo que tem que fazer: aquilo que tem que fazer, ainda que pequeno, é grande, porque lá dentro vibra a Ressurreição de Cristo.». Ao contrário, eu, muitas vezes, estando em casa, dentro da normalidade, dou por mim a pensar: está tudo aqui? A normalidade torna-se banal e eu dou por mim a desejar outra coisa, queria fazer outra coisa. Penso: se estivesse aqui alguém ou se fizesse uma outra coisa qualquer, então sim, valeria a pena, e sinto, então, um peso, como se fosse eu a responsável por ter de mudar aquela realidade em qualquer coisa de diferente. Esta percepção que tenho das coisas não me deixa indiferente, antes pelo contrário, magoa-me muito, porque dou por mim a olhar para a minha família e a minha realidade de um modo triste. Queria viver não com a pretensão de que o mundo á minha volta mude, mas com a esperança de mudar tal como Cristo me pede. O que é que quer dizer viver a Ressurreição de Cristo no quotidiano? Como é que é para ti? Como é que a Ressurreição te faz olhar para as coisas e as pessoas na normalidade do dia? Eu desejo viver à luz deste olhar de vitória e tê-lo para mim, mas muitas vezes tenho um peso no coração.*

Este é um exemplo daquilo que dizíamos há pouco. Se a Ressurreição não é uma experiência, eu vivo triste, eu vivo as circunstâncias dizendo: «Está tudo aqui?». A resposta a esta pergunta encontramos-na naquilo que *don Giussani* nos diz comunicando-nos uma experiência: «É no mistério da Ressurreição que se encontra o culminar e o cume da intensidade da nossa autoconsciência cristã, por isso, da autoconsciência nova de mim mesmo, do modo como olho para todas as pessoas e todas as coisas» (p.7). Não há um outro olhar, amigos! Se eu não recuperasse este olhar – disse-vos em tantas ocasiões –, não poderia olhar-me bem. Percebo que tu não podes olhar o que quer que seja, o teu marido ou a tua filha, sem deixar entrar este olhar, sem dar crédito a este olhar. Não sei como se pode viver a fé sem dar crédito a isto. Contaram-me que uma rapariga americana acabada de se converter ao catolicismo, respondendo à pergunta o que significava para ela “saír de si”, afirmava: «É fácil perceber. Antes quando eu estava mal, punha-me a escrever no meu diário ou saía sem destino; agora, pelo contrário, se acontece estar mal, ponho-me a fazer Escola de comunidade. E é eficaz. Isto quer dizer “saír de si”». Foi a última a chegar! Porque é que os publicanos – repeti-o várias vezes – voltavam para Jesus? Porque na relação com Ele introduzia-se um modo novo de se olharem a si mesmos, às coisas e às pessoas. Por isso, *Giussani* diz que a Ressurreição é «a pedra angular da novidade do relacionamento entre mim e eu mesmo, entre mim e os homens, entre mim e as coisas» (p. 7). Que Cristo ressuscitou, que a pessoa de Jesus de Nazaré que conquistou a vida, vive, que não é um facto do passado, que não é uma piedosa recordação, que não é um sentimento, que é uma presença que permanece no tempo, percebe-se porque introduz um olhar novo sobre tudo e nós podemos-lo tocar com a mão em tantas ocasiões: lendo a Escola de comunidade, através dos testemunhos de outros que nos introduzem a um modo de olhar o real em que vibra a ressurreição de Cristo. E isto faz com que as circunstâncias concretas comecem a ser diferentes. Assim, uma pessoa que naquela circunstância, que é totalmente limitada e que por isso não está à altura de toda a sua ilimitada nostalgia que tem de plenitude, não tem uma inquietação da grandeza. Aquilo que fazes é grande mesmo se pequeno, porque dentro vibra a ressurreição de Cristo. E qual é a forma mais imediata, mais simples de começar a perceber estas coisas? A relação amorosa, quando uma presença determina de tal forma o presente que o instante – que é e permanece cheio de limites –, explode como plenitude de significado. Porque todas as circunstâncias são limitadas! E quando nós não vemos esta superabundância ou nos zangamos com as circunstâncias ou queremos quebrar o limite das circunstâncias indo para além das nossas possibilidades. Pelo contrário, quando vês pessoas que, nas circunstâncias diárias e banais de todos, estão contentes – ou seja, não têm a opacidade no rosto, aquele mal estar permanente, aquele azedume de fundo –, então percebes o que significa estar alegre porque Ele vive (e não porque as circunstâncias mudam ou se tornam gloriosas). Já te aconteceu algumas vezes fazer experiência,

mesmo em relação a pessoas e a coisas limitadas, de uma plenitude sem limites? Sim. Ora, esta é apenas uma imagem longínqua daquilo que Cristo introduz na vida. Se a Ressurreição não é isto, se Cristo não é a Presença que introduz esta novidade na vida, então estaremos na multidão como todos, porque o desejo do homem é ilimitado, ao passo que a realidade é sempre limitada («Está tudo aqui?»). Mas em certos momentos é como se este horizonte se quebrassem e começássemos a ver que o Mistério introduz alguma coisa de novo, que ainda não nos é familiar, mas em relação à qual já percebemos toda a verdade, toda a densidade da realidade, porque estivemos contentes, porque estivemos a transbordar, não porque as coisas “terminaram bem”, mas por Ele. Se isto não for uma experiência, a Ressurreição permanece uma afirmação absolutamente vazia, porque ali dentro – dentro, não ao lado, não depois, não sonhando uma situação diferente –, quando estás com os teus filhos a limpar-lhes o rabo, vibra a ressurreição de Cristo. Mesmo que ainda não seja familiar, *don* Giussani oferece-nos esta possibilidade: olhem que é assim, mesmo que não seja ainda totalmente nosso. O ponto é se uma pessoa começa a dar crédito a isto, porque então começará a ser assim. E isto depende de quê? Depende duma abertura.

*O que me tem afligido nestes últimos meses não é um drama gigantesco ou qualquer outra coisa, mas, antes de mais, a calma plana e a frieza de coração em que me encontro.*

A calma plana.

*Estou apático em tudo. Nada me move. E neste tempo não é que não tenha acontecido nada, aconteceram até coisas muito importantes (por exemplo, esteve muito mal a irmã de uma grande amiga minha; e via à minha volta que para os meus amigos nada disto era um obstáculo ou um travão, mas era sempre um motivo de juízo para não deixar passar a vida ao lado, como acontece comigo). Ou seja, o que mais me faz zangar é que eu vejo como os meus amigos crescem, como apanham todas as pequenas particularidades do dia para dar fruto, do entusiasmo que têm quando me contam as coisas, um entusiasmo tal que podes não ouvir uma única palavra do que dizem, mas bastam os seus rostos quando te falam para perceber que por detrás daquelas palavras há muito mais. Portanto, preciso de encontrar o meu “muito mais”, mesmo que fosse só banalmente, porque não consigo estudar e estou com pouca atenção nas aulas e em Novembro termino o curso. A única certeza que tenho é que aquele “mais” já o vivi e sei que existe e que portanto é para mim, mas não percebo o que me falta para o reaver: À noite e de manhã rezo para que durante o dia possa reencontrá-lo. Vou ao Ângelus todos os dias e procuro ler a Escola de comunidade. Mas também ali: apatia mais completa. Não consigo perceber como recomeçar.*

Não basta rezar, é preciso estarmos disponíveis, abertos. De facto, o que te testemunham os teus amigos? Porque é que desejas crescer como eles? Porque colhem – dizes tu – em cada circunstância particular do dia aquilo que existe. Isto não é um problema de voluntarismo, não é um problema de valentia: o problema é colher aquilo que existe. Vê-se isso no entusiasmo que têm os teus amigos quando contam as coisas, no modo como se espantam. Porque não é que eles tenham mais do que tens tu ou do que tenho eu, o problema é que damos por adquirida toda a realidade que está diante de nós e por isso devemos aprender, sobretudo daqueles amigos com quem estás: «Mas o que é que tu viste?»; começa a estar atento, identifica-te com aqueles que te são dados: «Porque é que és assim tão entusiasta? O que é que te faz ser assim tão entusiasta?». É o teu olhar que se deve alargar, é um olhar que deve entrar no teu olhar! E o que é que facilita isto? Diz assim um outro email: «Em relação à mulher do *Barco Negro* ou à Madalena, dou-me conta que muitas vezes não tenho esta percepção da necessidade. Pensava também nos jovens dos Liceus que numa Escola de Comunidade há algumas semanas atrás diziam: “Quando não temos problemas é difícil reconhecê-Lo”. Como desejar e permanecer na necessidade? Este desejar e permanecer na necessidade é amar o puro ou eliminar o falso? ». Permanecendo na necessidade como crianças, como diz *don* Giussani falando da Ressurreição, porque as crianças espantam-se com tudo. Ao contrário disso nós somos amorfo, porque a certa altura a realidade já não nos fala. E isto, diz *don* Giussani, é o que devemos educar constantemente; é preciso uma inteligência de criança para conseguir olhar para as coisas de um modo verdadeiro: «Dá-se o nome de “fé” à inteligência humana quando, permanecendo na

pobreza da sua natureza original, é toda preenchida por outra coisa, porque em si mesma é vazia, como braços abertos». É isso que devemos renovar, porque a realidade está ali toda para ti, mas tantas vezes não te fala porque, como dizia Santo Agostinho, a realidade só fala a quem faz a comparação com o coração. Por isso don Giussani aconselhava-nos constantemente aquele capítulo que é o elemento essencial para sair deste impasse: o capítulo décimo de *O Sentido Religioso*, porque quando a presença de Cristo Ressuscitado te faz ver as circunstâncias, te faz ver o real, te faz sentir um sobressalto, este é o sinal mais evidente da Ressurreição. Lemos: «Este Mistério – Cristo Ressuscitado – é o juiz da nossa vida [...]; julga-a dia a dia, de hora em hora, de momento em momento» (p.12). O que quer dizer que ajuíza, que é o juiz? É como se tu estivesses apaixonado; o juízo sobre o que significa a tua namorada tu vê-lo na tua relação com o real, de instante a instante, tu verificas se aquele olhar é assim tão determinante, assim tão presente, se invade assim tanto a tua vida que tu não podes entrar no real, viver o que quer que seja, sem que aquela presença, que se fixou nos teus ossos, determine a tua vida. Quando isto falta, quando isto diminui, tudo se torna achatado. Quando se faz menos esta experiência tudo se torna amorfo. Porque em si mesmo é achatado? Não, porque falta aquela inteligência de criança que devemos renovar constantemente. Por isso Giussani dizia que é preciso uma educação; era a condição que Jesus exigia sempre: «Podeis entrar no Reino dos Céus, ou seja, ver toda a riqueza que a vida é e aquilo que Eu dou, somente se vos tornardes como crianças». O que é que te faz tornar menos amorfo? Não és tu que deves gerar isso, mas deves deixar-te impressionar com simplicidade, como uma criança, pelo real. Lembro-me de um amigo que teve um acidente de carro, ficou paralisado e inconsciente durante meses; quando acordou, tudo lhe parecia novo, diferente, tudo era novo! Nós vemos isso todos os dias: e estamos amorfos, porque já nos habituamos, damos tudo por adquirido. E isto pede de nós um trabalho, sustentado pelas pessoas que encontramos, que facilitam esta educação.

*Nas últimas semanas apresentámos na Universidade a exposição sobre don Giussani Da minha vida à vossa. Dei-me conta de duas coisas. A primeira é que foi uma graça enorme para todos por causa dos encontros que tivemos; explicando a exposição, todos aprofundaram mais o que lhes aconteceu na vida e isso fazia com que se espantassem mais diante da realidade que tinham diante. Este convite para levar a vários lugares a exposição encontra a primeira confirmação em nós: dão por eles mais espantados. Depois o que o Senhor fará com o nosso sim é com Ele.*

*A segunda coisa é que vi em acto aquilo que nos disse o Papa a 7 de Março em relação ao carisma e ao descentrar-se: através da explicação da vida de Giussani todos os jovens aprofundaram o seu primeiro amor, o seu encontro com Cristo. E era isto que levavam a todos. Aquilo que nos aconteceu foi grande, de tal modo que todos se perguntavam: mas pode-se viver sempre assim? E vimos nos dias seguintes que, com aquele olhar de Ressurreição nos olhos, se uma pessoa é leal com um coração verdadeiramente necessitado, não pode fazer nada a não ser voltar a procurá-Lo dia e noite. O exemplo mais surpreendente disto foi um rapaz que depois de visitar a exposição esteve sempre connosco, e tendo vindo também à assembleia que fizemos na semana passada escreveu-nos isto (é verdadeiramente de uma inteligência incrível): «Hoje, no final da Escola de Comunidade, sentia um desejo profundo de poder olhar todos nos olhos e abraçá-los. Voltei para casa de comboio, cheio de alegria e queria perceber. Mas foi qualquer coisa de tal modo grande que a única que me veio foi estra em silencia, cheio de um espanto vivo. Como desejaria que fosse assim para cada coisa, para cada encontro! Mas há mais. Foi um silêncio pleno, o mesmo silêncio que experimentei diante do Santo Sudário: aquele Rosto que tinha visto e que me atraía cada vez mais a Si, encontrei-O hoje de novo através de vós. Eu só precisei de dizer sim. Hoje, enquanto vocês falavam, comovi-me. Perguntava a mim mesmo: por que razão me comovi? E dei-me conta de que tenho um coração desejoso de verdade que me fez consciente do que estava a acontecer. Vocês contavam que Jesus usou aqueles que explicavam a exposição para recordar que se pode viver assim como viveu Giussani. E eu perguntei a mim mesmo: quem é Jesus para mim? Hoje, assim como aconteceu nos últimos dias, foram vocês, verdadeiros amigos, que inesperadamente, de um modo misterioso, me permitiram lembrar-me por que razão estou no mundo e por Quem vale a*

*pena viver. Hoje vocês disseram: “Vive-se por amor de alguma coisa que está a acontecer agora”. E eu perguntava: mas quem fui eu para vós? Eu fiz apenas uma coisa normal, disse sim, vim visitar uma exposição, mas nesta normalidade tu, eu e os outros reconhecemo-Lo vivo em nós. Eu redescobri-me através de vocês e apetece-me dizer: é belo viver assim, viver com a consciência da presença de Jesus a fazer-nos companhia. Quero viver sempre assim». Impressionou-me porque vi nele aquilo que dizias de Pedro: não basta reconhecer o facto, é necessária aquela inteligência positiva pronta para afirmar a realidade e aquilo que constitui a realidade.*

Vê-se que entrou uma presença no olhar pelo facto que uma pessoa traz consigo um desejo que não tinha antes: o desejo de poder olhar todos nos olhos e abraçá-los, não como um êxito de um projecto próprio (voltando a casa saltando de alegria, em silêncio). E ali, ouvindo aqueles que lhes apresentavam a exposição, tive de reconhecer quem eram eles, ou seja a presença de Jesus, qualquer coisa que entrou na sua carne e começou a introduzir uma novidade no seu limite, nas circunstâncias de todos os dias. Esta é uma oportunidade acessível a todos, de quem a deixa entrar, quaisquer que sejam as circunstâncias.

*Conto-te também os encontros que tive na universidade durante a exposição de don Giussani, com o coração cheio de gratidão. No primeiro dia, enquanto montávamos os painéis, chegam dois rapazes que se encontram naquele sítio para fumar. Surpreendidos de nos terem encontrado, aproximam-se curiosos, e nós perguntámos “Querem que vo-la expliquemos?”. A exposição abre portas e eles são os primeiros. No início tinham uma cara céptica, e de vez em quando fazem um sorriso de gozo, mas pouco e pouco as caras foram-se alterando, contando coisas sobre eles e das suas perguntas. A um certo momento, um deles olha para nós e diz: “Que giro! Não pensava que fosse assim, as pessoas não sabem isto, devem dizê-lo a todos!”. Depois olha para o relógio e diz: “Amigos, já passou uma hora e meia! Eu devia ter ido a um almoço, mas o tempo voou!”. Durante a tarde, enquanto repousávamos, vi-o detrás de uma sebe e gritei: “O que é que ainda fazes aqui?”. Respondeu que devia ir às aulas mas não tinha vontade nenhuma. Disse-lhe “Qual é a sala para onde tens de ir?”. É uma sala que fica na parte oposta do campus... E disse “Eu sei, mas queria voltar a ver-vos. Dá-me os vossos números de telefone, mesmo que não saiba se vos ligo”. No dia a seguir volta e diz: “Nunca tive uma aula assim tão bonita como aquela de ontem”. Durante a tarde imprimimos 150 flyers e convidámos todos o que estavam na universidade. Quando os meus amigos me perguntaram porquê, respondi: “Porque ontem um rapaz que conheci naquele momento disse-me para convidar todos”. No terceiro dia veio um professor nosso (não o esperávamos, por não ser do movimento) que tinha lido o mail de convite. Durante a exposição comoveu-se várias vezes. E olha o que nos escreveu no dia a seguir: “Agradeço de coração o convite, e acima de tudo a simpatia e acolhimento de hoje. É uma graça ter estudantes como vocês, com um sorriso e amabilidade que trazem no coração, transparentes como ar e límpidos como a água da nascente. Esta é a imagem que, com don Giussani, hoje levei para casa, para a minha família, contando o que se tinha passado hoje. O vosso testemunho de fé em primeira pessoa representa um estímulo para seguir em frente, também nos momentos difíceis para todos nós”. Vendo estas coisas (e outras que agora não tenho tempo para contar), pergunto-me o que há de diferente dos discípulos de Emaús que, depois de estarem com Ele, voltam para casa e dizem: “Não nos ardia o coração, enquanto estávamos com Ele?”. Dois mil anos. Cristo está presente hoje e não é uma coisa minha. Eu não sou capaz com as minhas mãos e com toda a minha vontade de fazer tudo isto. O dia a seguir, fui à missa e o Evangelho era o que Jesus diz a Simão “Faz-te ao largo e lança as redes para a pesca” (que para mim quer dizer tu e os teus amigos que me dizem “vai fazer a exposição, dou-te esta oportunidade”). E Simão responde “Mestre, trabalhámos durante toda a noite e não apanhámos nada; mas, porque Tu o dizes, lançarei as redes.” Aqui está toda a minha resistência, mas a um certo ponto uma pessoa cede, “Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixe. As redes estavam a romper-se.” Se vejo os peixes diante da tentação de me orgulhar pelo trabalho feito, baixo a cabeça e digo: “Obrigado Senhor, porque não fiz outra coisa senão seguir-Te”. Estou a perceber cada vez mais isto: Tu com letra maiúscula*

*coincide com um rosto humano. A realidade, a companhia do Movimento, os meus amigos, as propostas que me são feitas são a carne de Jesus que vem ter comigo para me dizer “Amigo, vem aqui, responde-Me aqui, mostro-te quem Eu sou”. Mas a maior descoberta de todas para mim não foi quantos peixes pesquei, mas ter-me dado conta que o primeiro “camarão” a ser capturado misteriosamente e indignamente fui eu próprio. De facto, enquanto olhava como tantas pessoas que encontrámos procuram uma resposta para a sua vida, as perguntas que têm, as resistências que não conseguem superar, lembrei-me de uma episódio em que don Giussani fala de uma homem que tinha encontrado recentemente, comentando: “Se vejo [...] o modo como se preocupa, procura o caminho, há um respeito que nasce da certeza que se tem, que uma pessoa que é certa, se vê uma pessoa que é incerta, tem um enorme pena e diz: “Meu Deus, que fiz eu para ser diferente dele?”. Esta novidade no dia-a-dia das circunstâncias banais é simplesmente aquela intensidade de viver que a Ressurreição introduziu. O juízo que emerge destes factos é que Cristo está presente, porque introduz esta novidade. A questão é se nós, quando não acontece, temos saudades e voltamos para Ele. Não para O gerar com a nossa tentativa, mas para deixar entrar a Sua presença no meu eu que se está a sufocar nas circunstâncias.*

*Por ocasião da apresentação da exposição na cidade, havia a possibilidade de ter os painéis, alguns dias antes; então, pensei organizá-la na escola onde ensino; trata-se de uma escola privada, 3.º ciclo e secundário, com cerca de 350 alunos. Pensava fazer visitas guiadas só às minhas turmas, durante as minhas aulas, até porque a exposição estaria na escola só por dois dias, após o que deveria montá-la noutra sítio. Por razões logísticas a exposição ficou no átrio, onde estão as máquinas de café e onde os estudantes fazem os intervalos. As circunstâncias quiseram que apresentasse a exposição a uma turma minha (terceiro ciclo) exactamente durante o intervalo de alguns alunos do secundário e na altura em que muitos colegas estavam na fila para as máquinas do café. Estava já preparado para, mais bruscamente, pedir silêncio, quando, a certo ponto, enquanto falava, cheguei à frente do painel «Mulher, não chores!» e voltando a pensar e tendo bem presente aquilo que primeiro don Gius e depois tu sempre repetiram, disse aos meus alunos: «Vejam, imaginem este facto, esta mulher que segue o caixão do seu filho, esta mulher desesperada que perdeu o seu marido e agora perdeu também o seu filho. Imaginem a dor, imaginem a angústia desta mulher. Experimentem imaginar estas lágrimas que nenhum homem pode enxugar. Aproxima-se Jesus e diz-lhe: “Mulher, não chores!”. Mas quem é que pode fazer uma coisa deste género? Há alguém em condições de dizer uma frase assim? Quem pode fazê-lo?». Parei de falar e dei-me conta que o burburinho inicial tinha cessado. Levantei o olhar e vi que os presentes no átrio – não os contei, mas eram bastantes, porque todo o liceu estava no intervalo e ainda os meus colegas que bebiam café – estavam em silêncio e olhavam o painel; não olhavam para mim, olhavam para o painel, olhavam para aquele pedido. E cheguei ao fim da exposição com reverência por um silêncio muito mais forte que o barulho inicial. Passadas algumas horas alguns miúdos aproximaram-se de mim e disseram-me: «Prof, pode-nos apresentar a exposição também a nós?». Assim praticamente durante dois dias apresentei a exposição consecutivamente. Aconteceu fazê-lo também a um grupo de colegas meus, coisa impensável e imprevisível. Agora não sei o que acontecerá, mas aquilo que aconteceu é uma resposta para mim, é um facto que percutiu o meu coração. Talvez alguns tenham encerrado o assunto, e provavelmente alguns o fizeram, como uma coisa pequena. De resto, alguns disseram que os apóstolos estavam embriagados, por isso talvez – eu não estava embriagado! - ...Mas não tira nada àquilo que aconteceu. No fim um rapaz – e isto impressionou-me muito – aproximou-se de mim e disse-me: «Prof, mas porque é que ninguém nos diz estas coisas?! Porque não no-las disse antes?». E eu senti-me um pouco pequeno, porque no fundo é um pouco assim, sobretudo neste período de exames a minha preocupação é a de preparar os alunos, não é proclamar que um Homem que, agora, não obstante tudo, não obstante todos os problemas, diz: «Não chores!».*

Aquilo que me espanta na simplicidade destes testemunhos é que o primeiro ganho é para nós, isto é, o convite que o Papa nos faz a sair, a comunicar aquilo que nos aconteceu, é primeiro que tudo para nós; porque é diferente que alguém veja suceder estas coisas no real como ocasião para desafiar qualquer momento banal, qualquer que seja a dificuldade. A fé cresce, como sempre nos foi dito, dando-a, compartilhando-a, porque a nós foi-nos dada para a compartilharmos em qualquer circunstância, neste caso a exposição sobre *don* Giussani. Porque uma vez que os nossos irmãos homens o encontram dizem-nos: «Devem dizê-lo a todos!», «Prof, porque é que ninguém nos diz estas coisas?!» Qual é o nosso contributo? O que é estão à espera de nós? O que é que significa ser uma presença? Todos estes testemunhos mostram-nos verdadeiramente qual é a espera de tantos que vivem ao nosso lado. Por isso, na nossa tentativa de viver aquilo que aconteceu, de entrar sempre mais naquilo que nos foi dado, percebe-se o método de Deus, como Deus alcança outros e os muda. Como nos disse *don* Giussani só se a nossa fé cresce constantemente é que poderá tornar-se um bem também para os outros.

\* \* \*

Antes de concluir digo uma palavra sobre a manifestação do próximo dia 20 de Junho, que se discutiu nestes dias. A defesa da família é uma urgência fortemente sentida em toda a Igreja: sublinhou-o o Papa mais uma vez no passado Domingo, no *Angelus* e sobretudo no Convénio da Diocese de Roma. Declarou-o o Pontifício Conselho para a Família, além de numerosos bispos, associações e movimentos eclesiais. Também a Secretaria da Conferência Episcopal Italiana (CEI) exprimiu oficialmente uma posição, reiterando a urgência de unidade de todos os católicos sobre o tema da família. Sobre isto há uma partilha total de toda a Igreja. Todavia a própria CEI clarificou que ninguém tem o monopólio da modalidade com que intervir no debate público e político. Por isso não considerou comprometer a Igreja italiana num apoio directo à manifestação. Sair à rua no dia 20 de Junho é, portanto, só uma das opções, livre e legítima, mas que pode ser perfeitamente discutível. Isto quer dizer que é reduzida a convicção de que a família tem de ser defendida?

Eu tenho nos meus olhos a experiência da Espanha, que pode valer como um exemplo. Nós espanhóis fizemos muitas e muito mais numerosas manifestações para defender a família (não sei se qualquer outra nação tenha feito assim tantas), levando à rua milhões de pessoas. Todos sabemos que isto não levou ao sucesso que desejávamos, aliás, sabemos como acabaram as coisas: uma legislação muito mais permissiva na direcção dos “novos direitos”. O que é que aprendemos disto? Que as manifestações na rua, que são uma modalidade legítima numa sociedade democrática como a nossa, deixam o tempo que encontram. E que é ainda mais urgente reconhecer o que repetimos citando o então Cardeal Ratzinger, que teve a coragem de dizer certas coisas de que, a meu ver, nós temos dificuldade em dar-nos conta: que estamos diante da «derrocada de antigas seguranças», das evidências mais elementares. Por isso na intervenção sobre as eleições europeias do ano passado citei esta passagem: «Na época do Iluminismo [...] na contraposição das confissões e na crise incumbente da imagem de Deus, tentou-se manter os valores essenciais da moral [ou seja da família, a vida, etc.] fora das contradições e procurar para eles uma evidência que os tornasse independentes das múltiplas divisões e incertezas das várias filosofias e confissões. Assim quis-se assegurar as bases da convivência e, mais em geral, as bases da humanidade. Naquela época pareceu possível, na medida em que as grandes convicções de fundo criadas pelo cristianismo na sua maioria resistiam e pareciam inegáveis» (J. Ratzinger, *L'Europa di Benedetto e la crisi delle culture*, LEV-Cantagalli, Roma-Siena 2005, p. 61). Qual foi o resultado desta "pretensão"? Ratzinger responde sem meias palavras: «Falhou» (*Ibidem*, p. 62).

Podemos ter pena disto, mas é um dado. Por isso o primeiro realismo é constatar que as coisas estão assim, e que por isso nós somos chamados a viver estes desafios, como o desafio justíssimo a respeito da família, num contexto totalmente novo. E este novo contexto é um desafio, para nós antes sequer que para os outros: o que é que consente – a nós! – resistir num mundo em que tudo, tudo, diz o oposto? Como farão as nossas famílias para não andar à deriva, na sua consistência, na

educação dos filhos, na relação entre marido e mulher? Cremos ainda que o método de Deus é capaz de sustentar isto ou não?

Ora, o que confiámos a um aviso interno enviado às comunidades – que não é um comunicado de imprensa, um documento ou um manifesto, como escreveram alguns nestes dias – e que propositadamente não pusemos no portal do CL, era só para ajudar num juízo. Não é que nos tenhamos esquecido de o assinar – não temos qualquer problema em assiná-lo, tal como não tenho qualquer problema em falar-vos destas coisas abertamente –, não o quisemos assinar de propósito; e agora explico porquê. As preocupações contidas no aviso foram manifestadas desde a primeira reunião de 27 de Março passado promovida pelo Caminho Neocatecumenal, à qual fomos convidados junto com todas as associações católicas. Nessa reunião as manifestações espanholas, de que vos falei, foram precisamente referidas como exemplo de uma grande mobilização católica. Naquela ocasião e na reunião seguinte, na qual foi anunciada como já decidida a data da manifestação (apesar de na precedente não se ter chegado a um acordo), explicámos porque não considerávamos oportuno, precisamente para afirmar o valor da família, a modalidade proposta de uma manifestação de rua. Discutindo sobre que instrumentos fossem os mais adequados para enfrentar o tema da defesa da família, não se chegou a uma hipótese clara e partilhada. Junto connosco grande parte do associativismo católico italiano (Acção Católica, Renovação do Espírito, Comunidade de Santo Egídio, Focolares, membros do Opus Dei) e o Fórum das Associações Familiares não consideraram oportuno aderir. E assim aquela que tinha sido pensada como uma iniciativa dos católicos tornou-se numa manifestação “aconfessional”, sem siglas e bandeiras, a que aderiram o Caminho Neocatecumenal e outras siglas como a Aliança Católica, Manif pour Tous, Pro Vita. Chegados a este ponto, sentimo-nos livres, e por isso considerámos descabido tomar uma posição pública como movimento a respeito da manifestação. Mas dado que nas últimas semanas tantos amigos pediam uma ajuda para ajuizar a iniciativa, preparámos o aviso. A não-adesão não foi ditada por tacticismo político, mas por um critério de realismo e prudência, porque a história recente demonstra que cada vez que para defender um valor se aposta na rua, o resultado não é uma possibilidade de incidência positiva, mas um muro; não se detém nem se retarda um processo, mas acelera-se. Por outro lado, já em 2007, por ocasião da proposta duma manifestação dos católicos contra o projecto de lei sobre o reconhecimento das uniões de facto heterossexuais e homossexuais (os famosos DICO: «Direitos e Deveres das Pessoas Estavelmente Conviventes»), exprimimos juízos análogos, convencidos que no clima cultural em que vivemos é difícil que as contraposições levem a resultados construtivos e convincentes, porque vivemos numa sociedade em que a ideologia prevalece sobre a experiência. Neste sentido, sublinhávamos que a tendência à ideologização se combate através do testemunho duma experiência em que se possa constatar que a família é um “mais” de humanidade. E isto não significa então fechar-se nas sacristias, porque este “mais” dá-se na vida! O testemunho na vida quotidiana é tão público como a manifestação na rua, não é que um seja privado e a outra pública. De outro modo, facilmente dispersamo-nos e, sobretudo, descuida-se o aspecto mais relevante, que é o educativo. Mas em 2007 a CEI pediu explicitamente a nós e a todos os outros movimentos e associações para apoiar a manifestação; e nós obedecemos. Agora, evidentemente, o contexto diferente sugeriu aos Bispos uma escolha diferente. E nós continuamos a seguir. Isto não impede que – como disseram também os Bispos – quem queira ir, vá.

De onde recomeçar neste contexto? Apelámo tantas vezes nestes últimos tempos aos cristãos perseguidos. Quando tudo desaba, de onde recomeçam eles? A que coisa recorrem, senão àquilo que dissemos este serão, ao testemunho da novidade de vida que Cristo ressuscitado introduziu na vida? Numa situação como esta, o método não é outro senão mostrar uma maior humanidade no testemunho da vida quotidiana. Mas isto a nós parece tantas vezes muito pouco, e por isso espantamos o método de Deus que quando decidiu tornar-se homem despojou-se a Si mesmo vivendo como um dos demais (ninguém teria feito assim, nenhum de nós teria feito assim!) e apostando tudo na atractividade que provocava a Sua pessoa diante de todos. E nós sabemos isto porque *don* Giussani nos comunicou o cristianismo assim. O que me espanta é que tenhamos tanta dificuldade em percebê-lo.

Permanece para nós decisivo o dever do testemunho dentro das circunstâncias quotidianas, também com os instrumentos da própria profissão. O nosso contributo ao debate consiste em comunicar uma positividade última em cada situação e relação; e esta é uma tarefa que cada um pode – e deveria – viver no diálogo com quem quer que seja. Porque está aqui o problema: quando as famílias sucumbem, quando as pessoas não estão capazes de estar de pé diante da realidade, há alguma coisa que vejam abrir uma possibilidade para elas? Porque as nações estavam cheias de leis boas, mas isto não parou a avalanche que estamos a viver agora. Também faz parte deste testemunho a defesa dum espaço de liberdade para cada um e para todos, como dissemos por ocasião das eleições europeias. E como escrevemos depois dos factos de Paris, «espaço de liberdade quer dizer espaço para dizer-se, cada um ou juntos, diante de todos. Cada um ponha à disposição de todos a sua visão e o seu modo de viver. Esta partilha fará com que nos encontremos a partir da experiência real de cada um e não a partir de estereótipos ideológicos que tornam impossível o diálogo» (J. Carrón, «La sfida del vero dialogo dopo gli attentati di Parigi», *Corriere della Sera*, 13 febbraio 2015, p. 27). Pedimos a mesma liberdade de viver e de educar que os outros pedem para si.

Um amigo escreveu-me comunicando-me uma preocupação que tantos pais sentem: «No fim de contas permanece de difícil resposta a preocupação maior: como proteger os meus filhos? Não ponho em dúvida a necessidade de testemunhar-lhes a “vida” e de vigiar o que é proposto na escola ou noutros contextos, mas frequentemente pergunto-me se é suficiente. Como pai queria protegê-los sempre e isolá-los do mal do mundo, com a tentação de combater em vez deles. Neste contexto parece-me, porém, que possam ser sobrecarregados pela força duma ideologia verdadeiramente devastadora, e às vezes vem-me a dúvida se não seja já inevitável combater a invasão. Sei bem que a História nos ensina que quem combateu as invasões bárbaras não foi o que sobrava do exército romano, mas a “vida” dos monges; mas durante aquelas invasões, muitos foram os caídos e a minha preocupação de pai é que os “caídos” possam ser os meus filhos». Por isto parece-me útil para nós ver como os nossos amigos cristãos perseguidos educam os filhos, para enfrentar os desafios da vida. Vejamos este vídeo.

*Projeção do [vídeo da entrevista a Myriam](#), refugiada iraquiana em Qaraqosh*

- «Durante a nossa visita a este campo, surpreendemo-nos por encontrar esta menina que nos disse que via a nossa transmissão ”Laysh Hayak”. Chama-se Myriam. Como estás Myriam?»
- «Bem e tu?»
- «Muito bem»
- «Tu vês mesmo a nossa transmissão?»
- «Sim»
- «Gostas do SAT -7Kids?»
- «Sim»
- «De onde és? Também és de Qaraqosh?»
- «Sim, sou de Qaraqosh»
- «Tens dez anos não é?»
- «Sim»
- «Há quanto tempo estás neste campo?»
- «Há quatro meses»
- «De que é que sentes mais falta aqui em relação a Qaraqosh?»
- «Tínhamos uma casa onde íamos brincar e aqui não temos, mas graças a Deus, Deus preocupa-se connosco»
- «O que queres dizer com ”Deus preocupa-se connosco?”»
- «Que Deus nos ama e não permitiu que a ISIS nos matasse»
- «Tu sabes como Deus te ama, não sabes?»
- «Sim, Deus ama-nos a todos. Não me ama só a mim, Deus ama todos»

- «Acreditas que Deus ame também aqueles que te fizeram mal ou não?»
- «Ele ama-os, mas não ama Satanás»
- «O que sentes em relação aos que te obrigaram a deixar a tua casa e te causaram mal-estar?»
- «Não lhes quero fazer nada, peço só a Deus que os perdoe»
- «E tu também lhes podes perdoar?»
- «Sim»
- «Mas é muito difícil perdoar quem nos fez sofrer, Myriam, ou é fácil?»
- «Eu não quero matá-los. Para quê matá-los? Estou só triste porque nos mandaram embora das nossas casas. Porque é que o fizeram?»
- «Gostavas da tua escola em Qaraqosh?»
- «Sim, era a melhor da minha aula»
- «Também tinhas amigos na escola?»
- «Sim»
- «Estão aqui contigo ou não está nenhum?»
- «Estão aqui mas não sei em que sítio»
- «Talvez algum deles esteja a ver a SAT-7kids na televisão agora. O que gostarias de lhes dizer?»
- «Tinha uma amiga antes de vir para aqui. Chama-se Sandra, estávamos juntas todo o dia, na escola passávamos o dia juntas mas não morávamos ao pé uma da outra, gostávamos uma da outra. Se uma fazia mal à outra perdoávamo-nos. Às vezes a brincar fazíamos mal uma à outra, mas perdoávamo-nos sempre. Gostávamos uma da outra, agora só gostava de voltar a vê-la»
- «Não sabes onde está agora, não é?»
- «Não sei onde está?»
- «Se a Sandra nos estiver a ver, tenho a certeza que pensa em ti e tenho a certeza que te quer bem Myriam»
- «Ela gosta muito de mim e eu gosto muito dela. E espero voltar a vê-la um dia»
- «Eu gostava de estar contigo no dia em que a encontrares»
- «Espero»
- «O que é que esperas?»
- «Espero voltar para casa e que ela também volte para casa e nos possamos voltar a ver»
- «Espero que voltes para uma casa ainda mais bonita que a tua primeira casa»
- «Se Deus quiser. Não é aquilo que nós queremos, mas aquilo que Deus quer, porque Ele sabe»
- «Às vezes não estás triste? Não te parece, por exemplo, que Jesus se tenha esquecido de ti?»
- «Não, às vezes choro porque deixámos a nossa casa e Qaraqosh, mas não estou zangada com Deus porque deixámos Qaraqosh. Agradeço-lhe porque Ele se ocupa de nós. Mesmo se aqui estamos a sofrer, Ele dá-nos aquilo de que precisamos»
- «Tu ensinaste-me muitas coisas»
- «Obrigada, tu também me ensinaste muitas coisas»
- «O que é que eu te ensinei?»
- «Ensinaste-me... Não, não ensinaste, o que eu quero dizer é que partilhaste comigo aquilo que eu sinto. Tu partilhaste comigo... de uma certa maneira queria que as pessoas soubessem como me sinto, como se sentem as crianças aqui»
- «Sabes que Jesus nunca te abandona?»
- «Ele não me esquece nunca. Se acreditas verdadeiramente, Ele não te abandona nunca»
- «Lembraste de alguma canção que gostes de cantar quando estás sozinha? Para falar a Jesus? Ou não te lembras?»
- «Sei algumas canções»
- «Cantarias para mim, cantarias para nós, a tua canção preferida? Pode ser uma canção curta que nos possas cantar, o que achas?»

- «Há uma: “*Que alegria o dia em que acreditei em Cristo. A minha alegria estava cheia desde o alvorecer e a minha voz cantava de gratidão o meu amor pelo meu glorioso Salvador. Crescerá de dia em dia. Uma vida nova, um dia feliz quando me reunir com o meu Amado. Por amor, veio, oh que maravilhoso amor! Fez-me justiça em nome de uma aliança santa. O meu amor pelo meu glorioso Salvador crescerá de dia em dia. Uma nova vida, um dia feliz, quando me reunir com o meu Amado*”»

Muitas vezes estamos preocupados ou amedrontados pelos nossos filhos, pelo contexto em que vivem, pela violência ideológica verdadeiramente imponente que os assalta. Mas aqui existe algo mais, como viram: Myriam, dez anos, vive num contexto onde a violência – ideológica e física – lhes levou tudo. Mas todo o mal do mundo não consegue parar uma rapariguinha como ela. Por isso representa um belo desafio educativo para nós: podemos gerar filhos maduros que neste contexto possam viver diante dos desafios que terão de enfrentar? Do que é que têm necessidade para viver como a Myriam? Que testemunho oferecem os cristãos perseguidos a nós cristãos ocidentais? De que é que temos necessidade para gerar filhos capazes de viver como ela? Este é um grande desafio. Este é o grande desafio educativo; qualquer que seja a possibilidade que temos de bloquear qualquer coisa, a raiz última do desafio é esta: se a fé, qualquer que seja o contexto em que nos encontremos a vivê-la, é capaz de resistir. Por isso, como dissemos nos Exercícios, «é no Mistério da Ressurreição que está o cume e o ponto alto da intensidade da nossa autoconsciência cristã». Nós temos necessidade que isto se trone sempre mais carne da nossa carne para o poder comunicar aos nossos jovens.

O trabalho da Escola de Comunidade continua até ao fim de junho sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade junto com o início da Assembleia, porque a primeira pergunta e resposta referem-se exactamente à Introdução. Juntamente com os Exercícios retomamos também o primeiro capítulo da segunda parte do texto da Escola de Comunidade, *Porquê a Igreja*, da página 80 à 87. Nos meses de julho a setembro retomaremos a Lição dos Exercícios de sábado de manhã, juntamente com as perguntas e respostas da Assembleia relativas a esta Lição, da página 91 à página 100 e 104-105. Nesta Lição, como sabemos, enfrentamos o tema de uma dificuldade de inteligência causada por uma situação não evoluída do sentido religioso que definimos, com uma expressão de Bento XVI, um «estranho obscurecimento do pensamento» (Bento XVI, *Luz do mundo. O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos. Uma conversa com Peter Seewald*. LEV, Cidade do Vaticano 2010, p. 47); pela qual, como vemos, já nem sequer reconhecemos as coisas mais elementares do viver. Então a pergunta que vos convido a trabalhar é: o que é que nos ajuda a sair deste estranho obscurecimento? Onde te surpreendeste a sair deste obscurecimento e o que é que tornou possível reconhecer a realidade, a evidência das coisas? Porque isto documenta que a Ressurreição é verdadeiramente um facto que invade a vida e que nos consente olhar tudo, assim como a Igreja olha tudo na noite de Páscoa. Este é o juízo. A ressurreição é um juízo, porquê? Porque ninguém poderia sonhar olhar tudo – desde a pergunta sobre o porque é que vale a pena ter nascido, à culpa, ao mal, à dificuldade – sem a ressurreição de Cristo. Temos à frente estes meses para nos ajudarmos a perceber verdadeiramente o contexto em que somos chamados a viver a fé.

Entrevista Repubblica. Em relação à entrevista que dei ao jornal *la Repubblica* sobre os inquiridos de Roma, como nós não temos grandes instrumentos de comunicação, nos quais pelo contrário saímos continuamente, peço a cada um de vocês que se empenhe verdadeiramente em fazer conhecer o mais possível o conteúdo da entrevista aos amigos e conhecidos nos lugares em que vivem.

Férias de verão. As férias da comunidade terão como tema: «Quando surpreendemos e reconhecemos na nossa experiência uma presença no olhar?». Não façamos reflexões abstratas sobre o que é que é a presença, mas verifiquemos quando a reconhecemos, quando nos demos conta

que somente aquela presença no olhar nos consente olhar tudo de um modo novo, a relação entre mim e mim, entre mim e a minha mulher, entre mim e as coisas e as pessoas.

Durante o verão e as férias sugerimos que se proponha publicamente nos sítios onde se for a exposição sobre *don Giussani Da minha vida à vossa* e o vídeo de *don Giussani O pensamento, o discurso, a fé*.

Propomos também que se faça um diálogo juntos sobre o texto de Bardy (*A conversão ao cristianismo nos primeiros séculos*), para uma verificação do que é que a leitura deste texto provocou e que juízo e perguntas dali nasceram; é uma ocasião para o repropor e para dividir uns com os outros o que cada um pode ganhar com este texto. Propusemo-lo precisamente porque somos chamados a viver a fé num, contexto semelhante ao que Bardy descreve nos primeiros séculos.

Recordamos a importância da participação no *Meeting de Rimini* (20 a 26 de agosto 2015), indo todos ao menos um dia.

Livros para o verão. *Un'attrattiva che muove. La proposta inesauribile della vita di don Giussani*, por A. Savorana, com a recolha das apresentações do livro da vida de *don Giussani Tutta la gloria nel profondo. Il mondo, la carne e padre Smith*, de Bruce Marshall.  
*Vive come l'erba... Storie di donne nel totalitarismo*, de Bonaguro, Dell'Asta e Parravicini.  
*La mia porta è sempre aperta. Una conversazione con Antonio Spadaro*, entrevista de A. Spadaro ao Papa Francisco.

Foi realizado, *Em caminho*, o dvd da Audiência de 7 de março de 2015 com o Papa Francisco. Propomo-lo a todos como ocasião para tomar ainda mais consciência do encontro feito e do que nos foi proposto.

A Jornada de início de ano terá lugar no sábado 26 de setembro de 2015 em Milão e em ligação directa como muitas cidades da Lombardia e de Itália.

*Veni Sancte Spiritus*

Bom verão a todos!